

# **Ordens oníricas: prestígio e autoridade de uma liderança comunitária no sertão de Minas Gerais<sup>1</sup>**

Lucas Parreira Álvares (UFRJ/UFJF)<sup>2</sup>

Palavras-Chave: Liderança; Sonhos; Promessas

## **Introdução**

No ano de 2023, finalizei minha dissertação de mestrado na qual investiguei as sensibilidades entre vivos e mortos no sertão mineiro, especialmente em cidades e comunidades à margem ou próximas do Rio São Francisco (cf. Álvares, 2023). A capacidade do termo “sensibilidade” exprimir tanto a dimensão dos sentidos, das emoções, das sensações, do palpável e do intáctil, dos pensamentos e das ações, da reação aos estímulos, da capacidade aguda do ato perceptivo, e ainda ser uma categoria precisamente associada à sutileza do sentir, vez ou outra atribuída à capacidade de adjetivar a personalidade de alguém, se adequa aos distintos graus de abstração das relações entre vivos e mortos no sertão do São Francisco. Investiguei relações que envolvem a visão de mortos, a audição, o tato, e sensibilidades oníricas. Na presente comunicação, quero explorar, ou melhor, reinterpretar um episódio narrado anteriormente na dissertação supracitada. Por isso, dividirei minha fala em dois momentos: a interpretação inicial do caso, e por fim, sua reinterpretação.

Há uma literatura etnográfica já convincente, eu diria, ambientada especialmente em contextos rurais, acerca das relações entre vivos e mortos por meio de sonhos. São comuns narrativas que contam sobre a aparição de mortos em sonhos, expressando, aos vivos, certa angústia por terem partido deixando pendências terrenas. Narrativas assim são ainda mais comuns quando se trata de promessas, endossando o que Maria Isaura Pereira de Queiroz (1958) chamou de “promessa de defunto”, quando um morto aparece e cobra, aos vivos, o pagamento de suas promessas não cumpridas. O circuito de pagamento dessas “dívidas da alma” (cf. Álvares 2023) envolve, normalmente, giros de folia de Santos Reis, de Bom Jesus ou danças de São Gonçalo. Há também uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024);

<sup>2</sup> Doutorando em Antropologia Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Professor Substituto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

bibliografia nacional preciosa sobre o tema, que pode ser conferida, por exemplo, nos trabalhos mais antigos de Carlos Rodrigues Brandão (1981) ou em mais recentes, das últimas décadas, de Luzimar Paulo Pereira (2009) e Wagner Chaves (2009).

A pergunta que inicialmente me movia era: pode uma exigência do morto ser contrariada? Na dissertação apresentei várias narrativas na qual havia certo estatuto de verdade em razão da necessidade do cumprimento da obrigação do vivo para com o pedido (ou súplica) do morto. No entanto, me deparei com um caso, na comunidade quilombola de Pé da Serra, no município de Januária, em que notei certa distinção na forma de lidar com uma aparente manifestação onírica que reivindicava o cumprimento de uma dança de São Gonçalo. Vamos a ela.

## **O Fato**

Zé Preto, líder da comunidade em questão, e também imperador da folia de reis local, bem como “marcador” da dança de São Gonçalo, me contou que, certo dia, foi informado de que sua mãe, já morta, teria aparecido em sonho para uma sobrinha cobrando o cumprimento de uma dança de São Gonçalo, uma dívida que havia feito ainda em vida, pois sua *alma* encontrava-se em estado de aflição.

“A minha mãe, veja só, eu tava trabalhando na firma, e quando voltei me deram um recado que tinha que dançar um São Gonçalo. Mas ninguém me deu o recado, ela só apareceu em sonho pra uma menina, minha sobrinha. Mas essa menina, essa moça, ela gostava muito de festa, muito de namorar, e aqui tinha um negócio que toda vez que fazia um São Gonçalo, à noite tinha um forrozão. Aí eu fiquei desconfiado e falei ‘*esse negócio não tá certo não*’, achei que ela tinha contado o caso porque queria a festa, e tinha que ser logo!”. (Zé Preto, Pé da Serra, Januária, 25/08/2022).

Diante de um altar com a imagem de São Gonçalo, cantam-se *quadrinhas* e, em fileira, dançam em devoção ao santo. Também de origem ibérica, a dança tem um mito de origem: São Gonçalo do Amarante morava numa beira de rio. Do outro lado do rio havia um prostíbulo onde as mulheres recebiam, todas as noites, visitas dos homens, tanto da região quanto dos que transitavam pelas águas do rio. Intentando acabar com aquilo, São Gonçalo<sup>3</sup> indagou a Jesus o que fazer diante daquela situação, e obteve resposta em um sonho: “*aí assim num sonho, diz que vendo uma esteira, diz que vendo um rio assim*

---

<sup>3</sup> Afinal, Gonçalo do Amarante é santo ou beato? Do ponto de vista da Igreja Católica, sua beatificação não foi concluída, e portanto não é santo. Mas na cultura popular do sertão do São Francisco, não há qualquer dúvida de sua santificação.

*com muita água, aí diz que veio na mente dele: você pega essas mulheres, todo dia de tarde, senta elas na esteira, atravessa com elas para o seu lado e dança com elas a noite todinha*”, me contou Zilda, da comunidade do Alegre, também em Januária, dançarina de São Gonçalo. Ao serem abençoadas e por destinarem seu tempo à dança popular, as mulheres teriam abandonado a prostituição.

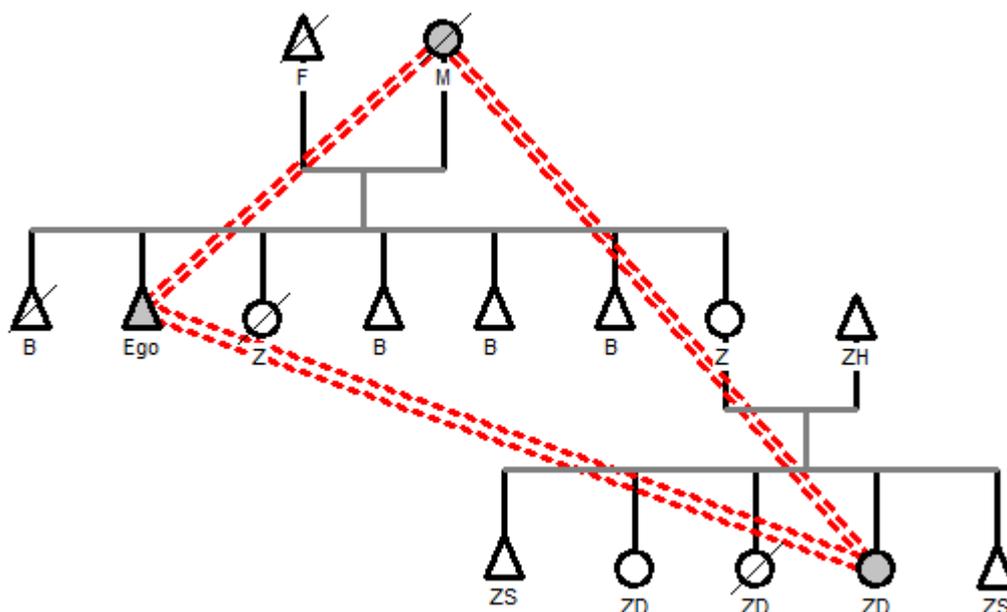
Por isso, nas Danças de São Gonçalo, preferencialmente mulheres performam o bailado, ao passo que os homens, quando participam, ou se destinam aos instrumentos ou à marcação da dança, reproduzindo o lugar de São Gonçalo, como é o caso de Zé Preto em seu quilombo. De caráter religioso, a dança “é sempre o resultado de uma promessa; as pessoas do lugar prometem uma ou mais rodas de São Gonçalo em troca da *graça* que almejam” (Pereira de Queiroz, 1958: 40). Mesmo que essencialmente festiva em sua execução, após as *rodas* é comum a realização de festas. No quilombo Pé da Serra, a festa que sucede as *rodas* é um dos eventos mais aguardados no calendário da comunidade, e talvez em razão disso Zé Preto tenha suspeitado da narrativa de sua sobrinha. Ao mesmo tempo em que o vínculo de parentesco entre neta a avó poderia justificar o aparecimento em sonho, Zé Preto ficou bastante desconfiado do que teria motivado esse aparecimento à sobrinha, e não para ele mesmo, ou algum de seus irmãos, os que ainda estão vivos. Por saber que sua sobrinha gostava de festa, e por ter sido justamente ela quem supostamente recebeu a cobrança da avó em sonhos, Zé Preto desconfiou do pedido que o haviam feito.

*“Aí eu falei ‘Eu não vou tomar frente de São Gonçalo coisa nenhuma. Primeiro: ela [a mãe] sabe quem sou eu, por que ela não me apareceu? Devia ter aparecido pra mim e se é verdade o que vocês estão falando aí... ela [a sobrinha] tá querendo é namorar, é dançar de noite, ela tá querendo é festa! Eu não vou fazer São Gonçalo coisa nenhuma! E se é verdade que minha mãe apareceu pra pedir, que ela peça pra mim, porque ela me conhece’. Pronto, até hoje não apareceu”* (Zé Preto, Pé da Serra, Januária, 25/08/2022)

Não há uma fórmula precisa ou uma receita clara de como os mortos devem agir para pedir, aos vivos, o cumprimento de suas dívidas ou a satisfação de seus desejos. No entanto, o aparecimento em sonho de sua mãe a uma de suas várias sobrinhas provocou desconfiança – “*ela sabe quem sou eu, porque que ela não me apareceu?*”. Levando em consideração que Zé Preto possui “o trânsito entre mortos”, uma dádiva dos imperadores de folia, como me confidenciou João Damascena, imperador do Terno dos Temerosos na mesma cidade, e considerando também que Zé Preto é um dos filhos daquela que supostamente deixou dívidas quando viva, não havia razões concretas para acreditar na veracidade do sonho da sobrinha, afinal, teria mais sentido se sua mãe aparecesse a ele.

“se é verdade que minha mãe apareceu pra pedir, que ela peça pra mim, porque ela me conhece”, e ao dizer isso, é como se ele desafiasse ou rogasse à mãe uma evidência, por meio de um aparecimento qualquer, de que sua *alma* realmente necessitava de alguma resolução terrena para libertação.

A primeira interpretação, meio óbvia, que busquei rastrear os nexos para encontrar alguma explicação do fato, se deu, é claro, nas dinâmicas de parentesco. Resolvi então fazer um diagrama dos parentes de Zé Preto [*Ego*] com uma triangulação entre ele, sua mãe [M] e a sobrinha [ZD], pode servir como um recurso ilustrativo para evidenciar as razões de sua desconfiança. O diagrama abaixo sequer apresenta os outros filhos de seus outros irmãos, mas apenas pelos parentes mencionados é possível perceber um distanciamento relevante, de cunho geracional, que separa a sua mãe e sua sobrinha.



Notem que Zé Preto possui quatro irmãos vivos [B – B – B – Z] e a sobrinha possui outros três irmãos, dois mais velhos [ZS – ZD] e um mais novo [ZS]. Mesmo que sejam parte de uma mesma comunidade, há certo “distanciamento de parentesco” entre Zé e a filha de sua irmã, no qual interpõe-se outros irmãos e sobrinhos. Mas outras variáveis podem interferir nesta triangulação, por exemplo: qual o grau de intimidade que a sobrinha teve com a avó enquanto viva? É a sobrinha alguém passível de trânsito entre vivos e mortos, tal como o tio? Teria a mãe escolhido outro herdeiro de suas dívidas ao supor que Zé Preto havia sido um representante ineficaz? São apenas algumas perguntas. A dívida da mãe, já morta, cria consequências ao mundo dos vivos, e por mais que Zé

Preto desconfiasse de sua sobrinha, ele não queria se isentar diante do suposto aparecimento da mãe, ainda que não tenha sido para ele. Por isso, na via das dúvidas, alguma coisa ele precisava fazer.

“O que eu acho que ela [mãe] quer é celebrar uma missa para a *alma* dela, aí tá certo. Aí falei lá, celebrou a missa, e acabou”. (Zé Preto, Pé da Serra, Januária, 25/08/2022)

A posição de Zé Preto foi justificada por uma convicção de que, havendo algo de errado, impróprio e irresoluto diante daquela trama, sua mãe apareceria para ele e faria as exigências necessárias. O fato da sua mãe não ter aparecido, nem para a sobrinha, nem para o próprio Zé Preto, em ocasião ulterior ao episódio citado, só pode ter duas resoluções possíveis: ou a *alma* de sua mãe realmente queria no máximo a celebração de uma missa; ou a narrativa da sobrinha sobre o aparecimento em sonho que pedia uma Dança de São Gonçalo não era verdadeira. De toda forma, a opção de Zé Preto em celebrar uma missa para a *alma* de sua mãe, ou seja, o ato resolutivo de toda esta trama, cumpriu o efeito de considerar, ainda que parcialmente, o relato da sobrinha, tanto pela crença na viabilidade do aparecimento de sua mãe em sonho; quanto por saber que um questionamento enfático e irredutível diante do narrado também poderia ser maléfico à própria família, e conseqüentemente, à comunidade, ou seja, a família. O que este exemplo pode nos convidar a pensar é que não se trata, portanto, de compreender se o estatuto do sonho no qual um morto pede ou exige algo seja naturalmente verdadeiro, como afirma Brandão (1981), mas sim, que ele pode ser questionado, embora nunca desconsiderado.

A primeira interpretação que tive, a partir deste caso, sugere que as dinâmicas de parentesco intervêm de modo decisivo nas relações de promessa em que um terceiro é envolvido na trama. Cria-se então a noção de "representante, o familiar, vivo, de um promesseiro morto, responsável por saldar uma dívida" (Pereira, 2009: 100). Mas a questão que surge é: qual o representante ideal? Quem possui a prerrogativa de herdar a obrigação maior que o morto deixou em vida? Um filho, uma irmã, uma sobrinha, um *cumpade*? O exemplo citado, aliado a outros exemplos que apresentei na dissertação supracitada (cf. Álvares, 2022), sugere que as linhas de sucessões mais frequentes realçam, de fato, relações entre pai/filho, Mas isto não é uma regra: netos, *cumpades*, sobrinhos e outros parentes, consanguíneos ou afins, podem adentrar a este circuito de obrigações.

## Revisitar criticamente os dados de campo

Bom, para minha pesquisa de doutorado, resolvi revisitar alguns dados da pesquisa de mestrado: áudios, anotações e o bom e velho caderno de campo. Curiosamente me surpreendi com uma informação adicional que me foi dita por Zé Preto que traz à tona uma dimensão que me escapou da análise anterior: o papel que ele ocupa, não apenas como “o filho vivo mais velho de sua mãe”, mas também, como líder comunitário (de modo que minha descoberta desse GT na RBA me permitiu apresentar um elemento interpretativo adicional ao fato citado. Para tanto, trago mais uma fala do Zé Preto naquele mesmo dia, naquela mesma conversa, ocorrida no dia 25 de agosto de 2022.

“Tudo que precisam aqui no Pé da Serra, eles me procuram: de reza contra quebranto ou de dinheiro. Eles sabem que eu sempre tenho uma resposta porque respeitam a minha autoridade. (Zé Preto, Pé da Serra, Januária, 25/08/2022)

Imagino que a maioria dos trabalhos apresentados nesse GT devem realçar a persona do líder em razão de lutas pela terra, pelo reconhecimento, pela identidade. A minha comunicação tem uma dimensão um pouco diferente, que, a propósito, nos convida a pensar a amplitude ou o caráter extensivo que a liderança pode ocupar no seio comunitário. Ela ultrapassa a dimensão terrena, podendo, também, pela consagração de um sujeito enquanto líder, tocar em dimensões espirituais voltadas ao mundo dos mortos, ou melhor, nesse caso, na manifestação do líder como um mediador entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. A sobrinha procurou Zé Preto não apenas porque ele era o filho mais velho da avó que apareceu em sonho, mas porque ele é, também, o líder comunitário do quilombo Pé da Serra. Ao informá-lo do sonho que teve, a sobrinha buscava não apenas a realização do São Gonçalo, mas antes de qualquer coisa, a afirmação de legitimidade de seu sonho - e vejam: não me importa aqui, na condição de etnógrafo, se a mãe apareceu ou não para a sobrinha em sonho, e sim, quais foram as consequências comunitárias das relações que se instituíram em razão dessa narrativa.

O prestígio que carrega enquanto liderança local legitima o lugar de Zé Preto enquanto receptor de “demandas” – lembremo-nos da seguinte fala: “*Tudo que precisam aqui no Pé da Serra, eles me procuram*”. A decisão por rezar uma missa pela alma da mãe ao invés de uma dança de São Gonçalo, não foi questionada. Atribuo essa reação passiva e parcimoniosa, não em razão de um reconhecimento geral de que Zé Preto é o

“parente mais próximo” da mãe, e sim, que ele é o líder daquela comunidade. É claro que o parentesco é fundamental para entender esse caso, mas, reinterpretando-o, me parece que ele se resolve, de fato, na medida em que, à essa dimensão, é também adicionada uma outra que compete às dinâmicas internas de poder. A “proximidade de parentesco” entre Zé Preto e sua mãe é um argumento lógico. No entanto, não são poucas as narrativas de aparecimento de mortos em sonhos que são instituídas por vínculos entre parentes de outras naturezas. No entanto, a condição de líder comunitário é o que adiciona, ao argumento lógico, a razão de autoridade. Por isso, reinterpreto o fato sugerindo, finalmente, que o papel de liderança ocupado por Zé Preto, e sua conseqüente autoridade consagrada em razão desse lugar, é o que justifica a sua legitimidade para contestar a narrativa trazida pela sua sobrinha.

### **Pequena conclusão**

Como a primazia desta investigação se vale da forma de compreensão dos sujeitos de suas próprias sensibilidades com os mortos, não dispus de qualquer análise psicanalítica ou neurocientífica da dimensão do sonhar para desvendar a estrutura ou as motivações subjacentes aos sonhos dos sujeitos desta pesquisa. No entanto, sem me estender ao tema, quero apenas pontuar que no sertão do São Francisco, à partir das narrativas supracitadas, as razões do sonho parecem ser completamente antagônicas à noção freudiana de um desejo inconsciente recalcado do *ego* (Freud, 1987). Ele é interpretado pelos sujeitos locais por meio de um vetor inverso, no qual há uma tentativa clara e evidente de manifestação do desejo do morto, especialmente em razão da resolução de uma dívida terrena<sup>4</sup>, como a cobrança de uma promessa não cumprida ou a lembrança de uma devoção assumida. Também em nada se assemelham à teoria neurocientífica da “ativação-síntese”, esta que supõe que o sonhos são constituídos através de estímulos aleatórios de imagens caóticas, sem qualquer significado, e que num segundo momento sofrem um processo de síntese, construindo assim, uma narrativa sequencial (cf. Hobson; McCarley, 1977). Do sonho da sobrinha de Zé Preto origina-se, com suas particularidades, um circuito de prestações e contraprestações totais (cf. Mauss,

---

<sup>4</sup> Durante todo este trabalho eu também evitei, sem que fosse estabelecida as mediações claras, a análise comparativa com outros contextos etnográficos. No entanto, ao ler uma etnografia sobre os sonhos yanomami, me surpreendi com a correspondência entre eles e os sonhos do sertão do São Francisco. Limulja (2019: 90) diz que “o sonho [yanomami] se constitui antes como o desejo manifesto de um outro, seja esse outro um morto, um espírito ou um animal. Entretanto (...), em meio a tantas intenções e desejos dos outros que se manifestam por meio dos sonhos yanomami, são os vivos que decidem o que fazer com tais investidas”.

1924) no qual as ordens oníricas possuem um sentido individual e coletivo na medida em que, através das intenções manifestas do morto, recai aos vivos a resolubilidade das obrigações deixadas em vida.

### **Referências Bibliográficas**

Álvares, Lucas Parreira (2023). *Dívidas d'alma: sensibilidades entre vivos e mortos no sertão do São Francisco, Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado: Belo Horizonte, UFMG, 2023, 168p.

Brandão, Carlos Rodrigues (1981). *Sacerdotes de Viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes.

Chaves, Wagner Neves Diniz (2009). *A Bandeira é o Santo e o Santo não é a Bandeira: práticas de presentificação do santo nas Folias de Reis e de São José*. Tese de Doutorado em Antropologia, Museu Nacional.

Hobson J. A, McCarley R.W (1977). "The brain as a dream state generator: an activation-synthesis hypothesis of the dream process". *Am J Psychiatry*. 134(12): pp.1335-48.

Mauss, Marcel (1924). *Essai sur le don. Forme et raison de l'echange dans les societes archa-iques.*" *Annee sociologique*, (series 2): pp.30-86.

Freud S (1987). *A interpretação dos sonhos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago.

Limulja, Hanna (2019). *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami (Pya Ú Toototopi)*. Santa Catarina: Tese de Doutorado.

Pereira, Luzimar Paulo (2009). *Os giros do sagrado: um estudo etnográfico sobre as folias em Urucuia, MG*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPGSA.

Pereira de Queiroz, Maria Isaura (1958). "A dança de S. Gonçalo: fator de homogeneização social numa comunidade do interior da Bahia". *Revista de Antropologia*. Vol. 6, No., pp. 39-52.